

A VULNERABILIDADE DO ESPAÇO NEGLIGENCIADO: O CASO DA PRAÇA DO CRUZEIRO EM SÃO DOMINGOS DO PRATA

THE VULNERABILITY OF NEGLECTED SPACE: THE OS THE PRAÇA DO CRUZEIRO IN SÃO DOMINGOS DO PRATA

Paloma Domingues Simão¹

Tiago da Cunha Rosa²

Resumo

As praças são espaços públicos urbanos criados com intuito de proporcionar o lazer e favorecer a socialização. Para isso, tais espaços, atrelados a aspectos urbanos, funcionais, estéticos e naturais, quando em harmonia, transfiguram-se em locais mais agradáveis e convidativos para que os cidadãos, frequentem-no e realizem diversas atividades. Não havendo este equilíbrio, os mesmos podem tornar-se áreas inseguras e negligenciadas, como é a Praça do Cruzeiro, situada em São Domingos do Prata, Minas Gerais. Devido a sua subutilização, atualmente a praça é pouco visitada e a região é foco da marginalização. Essa situação, compromete não somente o espaço urbano em si como também a sua circunvizinhança, desvalorizando o ponto que poderia ser um marco histórico, visto que o local é bem reconhecido e um dos principais pontos públicos da cidade. Assim, o objetivo central deste trabalho é identificar as potencialidades e problemas da Praça do Cruzeiro, afim de torná-lo um ponto atrativo da cidade.

Palavras-chave: espaço urbano . espaço público . praça . marginalidade . segurança

Abstract

Squares are urban public spaces created with the aim of providing leisure and favoring socialization. For this, such spaces, linked to urban, functional, aesthetic and natural aspects, when in harmony, transform themselves into more pleasant and inviting places for citizens to visit and carry out various activities. Without this balance, they can become unsafe and neglected areas, such as Praça do Cruzeiro, located in São Domingos do Prata, Minas Gerais. Due to its underutilization, the square is currently little visited and the region is a focus of marginalization. This situation compromises not only the urban space itself but also its surroundings, devaluing the point that could be a historical landmark, since the place is well recognized and one of the main public points of the city. Thus, the main objective of this work is to identify the potential and problems of Praça do Cruzeiro, in order to make it an attractive point of the city.

Keywords: urban space. public place . square . marginality. safety

¹ Autora, discente do 9º período do Curso de *Arquitetura e Urbanismo* da Faculdade Doctum de João Monlevade, aluno.paloma.simao@doctum.edu.br

² Orientador, professor Especialista do Curso de *Arquitetura e Urbanismo* da Faculdade Doctum de João Monlevade, prof.tiago.rosa@doctum.edu.br

1. Introdução

A praça é um espaço público onde se estimula o convívio e as interações sociais. Seu uso coletivo permite a livre frequência, comunicação e expressão de atividades.

Para Nelson Popini Vaz,

O termo 'praça' deriva do latim platea – rua larga –, designando na linguagem coloquial do Brasil um tipo particular de espaço público urbano – uma forma arquitetônica aberta. Pode-se observar o sentido comum nas línguas neolatinas, nas quais o termo 'praça pública' designa um lugar descoberto, uma área livre cercada de edificações e emoldurada por suas fachadas, as quais estabelecem os limites e, ao mesmo tempo, contêm as aberturas para o espaço exterior (VAZ, 2010, p. 233)

Na Grécia Antiga, a urbe formava-se a partir de espaços de convivência. “A praça simbolizava a própria cidade, pois era nesse espaço que as atividades cotidianas se desenvolviam.” (COULANGES, 1975, p.106). Morfologicamente, a praça obtinha um papel imponente e representativo para a sociedade, tornando-se um marco histórico e cultural. Situados em uma posição de destaque na malha urbana, esses ambientes se tornaram referenciais para a organização da cidade, além de corresponder a um ponto propício para realização de festas, eventos, encontros e afins, colaborando para as relações interpessoais. Denominada pelos gregos como ágora, nela, ocorriam a comercialização, a socialização, a troca de conhecimento e a prática de rituais culturais.

Já na Idade Média, as cidades medievais, devido ao seu contexto histórico onde o seu foco era a proteção, possuía uma conformação cercada por muralhas. Dali, seguiam várias ruas em direção a um ponto central, ao espaço de comunicação. Normalmente, próximo a essas praças, localizavam-se as edificações imponentes, como igrejas e castelos. Segundo Benevolo,

O espaço da cidade se divide em três zonas: as áreas privadas ocupadas pelas casas de moradia, as áreas sagradas – os recintos com os templos dos deuses – e as áreas públicas, destinadas às reuniões políticas, ao comércio, ao teatro, aos jogos desportivos, etc. (BENEVOLO, 1993, p. 78)

No período renascentista, a praça ganhou novo planejamento e estruturação. Mais elaborada, ela apresentava embelezamento funcional e social, dispondo de espaços para arte, vegetação e contemplação. Assim, “As praças compõem, então, um cenário, ricamente decorado com seus monumentos, obeliscos e estátuas; um espaço onde são representadas manifestações políticas, de prestígio, festas públicas,

cerimônias oficiais.” (PINTO, 2003, p.53).

Assim, essas áreas tornaram-se de grande importância para os cidadãos da época e essa ideia reflete até os dias atuais. Ao longo dos anos as praças modificaram suas funções e aspectos estéticos, mas mantiveram suas raízes empregadas na sociabilização.

A arquitetura e urbanismo, portanto, busca compreender a relação do comportamento humano e o espaço em que ocupa em suas diversas escalas, incentivando as emoções sensoriais e relações com o todo. Atualmente, devido a rotina maçante que grande parte da população vive, momentos de lazer tornaram-se cada vez mais importantes e fundamentais para o bem-estar físico e psíquico. O espaço público converteu-se em um local de refúgio social, onde as pessoas frequentam-no para aliviar o cansaço, se distrair e divertir, havendo também, a aproximação com a natureza. Neurologicamente analisando, o contato com a natureza possui benefícios que auxiliam na qualidade de funções psicológicas, como redução de estresse, hipertensão e saúde mental, segundo Lucas Baranyi (2018).

A cidade de São Domingos do Prata, situada no Médio Piracicaba em Minas Gerais, abrange um vasto território, mas a sua população de acordo com o último censo realizado pelo IBGE em 2010, contabilizava 17.357 habitantes.

Apesar de pequeno, o município possui alguns pontos públicos contemplados por praças. Porém, nem todas são atrativas e seguras. Vale salientar que, entender as relações e necessidades interpessoais, é fundamental para que se tenha êxito ao projetar espaços urbanos agradáveis.

As praças, que deveriam ser espaços públicos atrativos, algumas das vezes resultam em ambientes obsoletos e subutilizados, como é o caso da Praça do Cruzeiro, em São Domingos do Prata, Minas Gerais, que se originou a partir de um loteamento realizado da década de 80 pelo ex-prefeito João Braz, sendo um espaço sem utilização. Posteriormente, viu-se a necessidade de iluminar o local e aos poucos, a praça foi moldada até o presente momento, apresentando diversos problemas.

Hoje, esse local encontra-se abandonado, inacabado, inseguro e com pouca iluminação. Por consequência, tornou-se um ponto favorável para o tráfico de drogas e outras atividades que interferem na qualidade de vida e bem-estar da circunvizinhança.

Nesse contexto, esse Trabalho Final de Graduação, tem como base conceber

conhecimento teórico para a intervenção da paisagem urbana da Praça do Cruzeiro, promovendo o equilíbrio ambiental, social e estético, fornecendo um ambiente mais agradável e acolhedor aos cidadãos prateanos, a partir dos potenciais locais, identificando os principais pontos geradores da vulnerabilidade e do abandono das praças para moradores vizinhos e pedestres, afim de propor soluções baseado na requalificação urbana do espaço.

2. Os espaços livres públicos

A organização do ecossistema consiste em lugares habitáveis e nas relações do ser com o outro e com o meio em que vive, buscando estabilidade e equilíbrio. Dentre os espaços públicos que compõem esse meio, estão as praças. Independente do contexto global em que está inserida, normalmente ela encontra-se em uma geografia central ou de destaque, tornando-se um marco e referência para a localidade. A princípio, a praça era assimilada como “espaço público da cultura, da política e da vida social, com o passar do tempo esta passou a ser conceituada como o local no qual ocorrem as mais diversas atividades – sociais, comerciais, culturais, recreativas, esportivas.” (ECKER, 2020, p.103).

Entretanto, a formação das cidades a partir das pequenas vilas na antiguidade até a composição da cidade contemporânea, trouxe consigo características remodeladas com o passar do tempo, mas muitas delas se mantem até os dias atuais. Contudo, para Bernardo Secchi, “A cidade contemporânea é por natureza instável; sede de mudanças contínuas que provocam formação de situações críticas e soluções transitórias dos problemas.” (SECCHI, 2006, p.91).

Embora tenha havido a evolução no traço urbano em relação à malha viária, zoneamento, infraestrutura e à urbanização, tais transformações resultaram em aspectos negativos, tornando-se problemático em se tratando de mobilidade urbana, ocupação indevida do solo, espaços obsoletos, etc.

Todavia, durante a segunda metade do século XX, ideia e paradigmas dominavam a formação da sociedade, fragmentada em setores que difundiam-se. A partir dessa premissa, Jan Gehl cita em seu livro “Cidade para pessoas”, métodos para que as cidades sejam mais habitáveis, sustentáveis, saudáveis e atraentes para seus moradores; visto que no mundo atual, os automóveis prevalecem ordenando a estruturação da cidade. Uma cidade segura é aquela que mais pessoas estão em movimento e permanecem nos espaços públicos, sejam fazendo atividades físicas ou

até mesmo se relacionando. “A conclusão de que se oferecido um melhor espaço urbano o uso irá aumentar é aparentemente válida para os espaços públicos.” (GEHL, 2010, p.17).

Logo, Gehl advoga princípios para o planejamento urbano como a distribuição e integração de funções da cidade que encurtem as distâncias e sejam versáteis, sustentáveis e seguras; projeto de espaços urbanos convidativos para pedestres e ciclistas; e, instrumentos para ampliar a permanência nesses ambientes.

A praça é um dispositivo fundamental para a composição de uma cidade, portanto, deve ser valorizada e conservada, uma vez que “Os espaços livres públicos vêm sendo deixados a um segundo plano dentro da estrutura das cidades. As áreas antes ocupadas por praças ou parques públicos cedem lugar a estacionamentos ou espaços degradados.” (SILVA, 2017, p.12) não obtendo seu devido valor quando “o projeto da cidade contemporânea confia ao desenho dos espaços abertos a missão que tempo atrás era primazia do jardim: ser o lugar onde se experimentam e aperfeiçoam as novas ideias” (SECCHI, 2006, p.165).

3. As praças brasileiras

Silvio Macedo e Fabio Robba, (2003, p.16) afirmam que o Brasil possui muitas praças, mas poucas são parecidas com as existentes no período medieval e renascentista europeus e que há uma generalização aos espaços públicos que adquirem equivocadamente o nome de praça, por serem um local vago e/ou terem uma vegetação, seja arborizada ou apenas gramada.

A introdução dessas áreas na malha urbana, são positivamente favoráveis à qualidade ambiental e de vida da população, uma vez que são permeáveis e promovem a melhor circulação do ar. Além de tornarem um ponto referencial e contribuir para a história e cultura local, são pontos de convívio espalhados pelas cidades que estimulam as relações sociais. Para Macedo e Robba, “Praças são espaços livres de edificação, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículo.” (MACEDO E ROBBA, 2003, p.17). Estas possuem várias tipologias, formas e tamanhos, por isso, devem ser analisadas singularmente.

No Brasil Colônia, os núcleos urbanos eram formados para o domínio territorial, e dali, os espaços de circulação criados tornaram-se pontos de convivência e de mobilidade urbana. Algumas dessas praças, com influências portuguesas,

desenvolviam-se a partir de espaços doados pelas diversas ordens religiosas e outras surgiam espontaneamente. Tais locais situavam-se nas proximidades da igreja. Diante desse contexto, segundo Murillo Marx “uma igreja, uma praça; regra geral nas nossas povoações antigas” (MARX, 1980, p.54). Em volta das igrejas e capelas, desenvolviam os arraiais. Portanto, as praças coloniais são marcadas por uma edificação religiosa em seu entorno e pela relação formada da paróquia com a comunidade. Para Murillo Marx,

A praça como tal, para reunião de gente e para exercício de um sem-número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante da capela ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Destacava, aqui e ali, na paisagem urbana estes estabelecimentos de prestígio social. (MARX, 1980, p.50)

Contudo, tais locais serviam para atividades de caráter cívico, comercial e religioso. Assim, edifícios administrativos importantes também começaram a compor a vizinhança dessas praças, como é o caso da Praça da República, no Recife e Praça XV de Novembro, no Rio de Janeiro.

Posteriormente, com a mutação e desenvolvimento da sociedade, as praças transfiguraram em um meio urbano – de passagem ou de permanência – mais próximo aos elementos da natureza, com vegetações mais elaboradas e o espaço se transformou em local de contemplação, descanso e atividades de lazer e recreação. No geral, essas áreas interferem no contexto urbano e é palco de alguns problemas revertidos pela sociabilização, como a criminalidade.

4. Influências da marginalidade no contexto urbano

A desigualdade social é um fator que influencia diretamente em se tratando da violência e criminalidade existentes na sociedade brasileira atual. Desde a época colonial, pela distinção feita por cores de pele, a população negra é erroneamente explorada e estigmatizada dentro do sistema escravagista. Esse sistema perdurou por um longo período, e, após muita luta e reconhecimento legal, pela Lei Áurea (Lei nº 3.353), sancionada pela Princesa Dona Isabel, filha de Dom Pedro II, no dia 13 de maio de 1888, a escravatura foi abolida, atenuando-se gradativamente. Porém esta população ainda é equivocadamente relacionada a esse problema urbano e social.

Desde então, aos poucos, os diversos indivíduos economicamente prejudicados estão obtendo seus direitos e conquistas, o que se reflete no espaço urbano. Essa desigualdade sócio-econômica efetiva entre as classes sociais

brasileiras impacta negativamente com o processo de marginalização social enfrentado na atualidade.

Na sociedade de classes verificam-se diferenças sociais no que se refere o acesso aos bens e serviços produzidos socialmente. No capitalismo as diferenças são muito grandes, e maiores ainda em países como entre outros, os da América Latina. A habitação é um desses bens cujo acesso é seletivo: parcela enorme da população não tem acesso, quer dizer, não possui renda para pagar uma habitação decente e, muito menos comprar um imóvel. Esse é um dos mais significativos sintomas da exclusão que, no entanto, não ocorre isoladamente, correlato a ela estão: a subnutrição, as doenças, o baixo nível de escolaridade, o desemprego ou subemprego, e mesmo o emprego mal remunerado. (CORRÊA, 1989, p.29)

“Segundo o IBGE, o Brasil tem mais de 13 milhões de pessoas na extrema pobreza [...] E quase 52 milhões na pobreza - com renda de até R\$ 436 por mês. A situação é mais crítica no Maranhão, que tem um a cada cinco moradores na indigência.” (Instituto Humanitas Unisinos, 2018).

Em vista disso, alguns cidadãos buscam suprir suas necessidades cometendo infrações, como roubos e furtos, com o intuito de adquirir capital para tal. Assim, muitos lugares que seriam socialmente agradáveis, tornam-se perigosos ou até mesmo obsoletos, devido ao medo da frequentação. Portanto, a desigualdade é fruto da exclusão do sistema capitalista e acarreta problemas de insegurança nas cidades.

A marginalidade, caracterizada por práticas não honestas dos indivíduos, interfere diretamente no convívio em sociedade. Quando a comunidade não se sente segura em seu habitat, há um obstáculo infligido seus direitos defendidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde defende-se que no

Artigo 3º: Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal;

Artigo 22º: Toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social; e pode legitimamente exigir a satisfação dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis, graças ao esforço nacional e à cooperação internacional, de harmonia com a organização e os recursos de cada país. (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948)

Além disso, sabe-se que a Constituição Federal do Brasil, assegura aos cidadãos garantias sociais constituintes em se tratando de lazer. Segundo ela, em seu Artigo 6º, “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL,

2010). Visto que não existe hierarquia aos direitos citados anteriormente, todos, quando em conjunto compõem um feixe, que em conformidade, configuram-se em benefícios à sociedade.

Para o sociólogo francês Dumazedier,

[...] o lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (Dumazedier, 1976, p. 34)

Apesar de amparado por Lei, essa não é a realidade de muitos. Nas cidades existe pelo menos um ponto urbano em que os cidadãos não se sentem seguros a frequentar. Em São Domingos do Prata, Minas Gerais, a Praça do Cruzeiro é uma área que tornou-se caracterizada por essa situação. Além de não possuir infraestrutura suficiente ao que atenda aos requisitos oferecidos por uma praça, seu atual estado de conservação é precário, o que favorece uma zona para o tráfico de drogas e de furtos. Logo,

Se as ruas da cidade estão livres da violência e do medo, a cidade está, portanto, razoavelmente livre da violência e do medo. Quando as pessoas dizem que uma cidade, ou parte dela, é perigosa ou selvagem, o que querem dizer basicamente é que não se sentem seguras nas calçadas. (JACOBS, 1961, p.30)

5. A Praça do Cruzeiro em São Domingos do Prata

São Domingos do Prata é uma cidade pequena, localizada na região do Médio Piracicaba em Minas Gerais. Sua vasta extensão, permitiu que existissem vários distritos e sua população se dividisse em urbano e rural diante de toda a malha territorial. Atualmente, a sede possui 15 bairros, sendo eles: Boa Vista, Caparaó, Centro, Cerâmica, Cruzeiro, Cutucum, Dona Julieta, Jardim Novo Horizonte, José Fernandes de Castro, Nova Cerâmica, Nova Palmeiras, Padre Antônio, Palmeiras, Retiro e Vista Alegre.

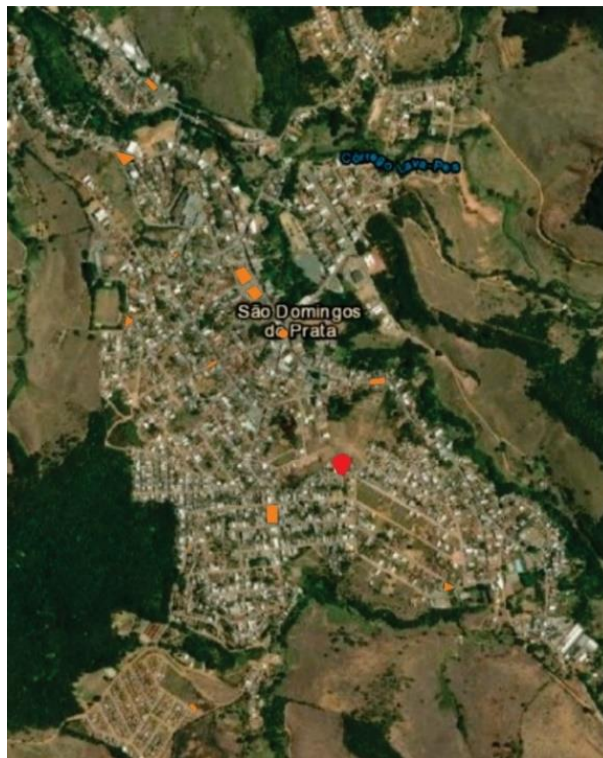
Imagem 1: Mapa-Esboço de Cheios e Vazios da Cidade de São Domingos do Prata/MG



Fonte: Elaborado por Paloma Domingues

A Imagem abaixo, representa a mancha urbana da cidade, onde foram identificadas de laranja todos as praças existentes e de vermelho a Praça do Cruzeiro, local de estudo.

Imagem 2: Mapa Com Identificação das Praças na Cidade de São Domingos do Prata/MG



Fonte: Mapa de satélite do Earth Explorer (2021) ou earthexplorer.usgs.gov/ com identificação de praças elaborado por Paloma Domingues

Como é possível identificar, em São Domingos do Prata, carece de espaços públicos urbanos e os que existem, muitas vezes não possuem boa infraestrutura para atender às demandas da população. Assim é a Praça do Cruzeiro. Um local com potencial ignorado principalmente pelo poder público, que a deixa a mercê.

Imagem 3: Mapa de Apropriação e Uso do Entorno da Praça do Cruzeiro



Fonte: Elaborado por Paloma Domingues

O bairro Cruzeiro é predominantemente residencial e possui poucos comércios, como bares, lanchonetes e uma distribuidora, tais estabelecimentos situam-se no térreo das casas dos proprietários. Também, dispõe de instituições religiosas como um centro espírita e igreja evangélica. Sua população é composta por famílias de classe média e as residências, em sua maioria unifamiliares, possuem de 1 a 3 pavimentos, um gabarito predominantemente baixo.

O acesso ao bairro Cruzeiro dá-se pelos bairros Cerâmica, Cutucum e Retiro. Contudo, para facilitar a mobilidade a pé, moradores estabeleceram novos caminhos a partir do centro da cidade, como identificado no mapa acima em verde. Esses trilhos, com os traços bem definidos, sobem através da vegetação na montanha até pontos do bairro Cruzeiro, que se encontram em altitudes superiores.

Localizada no bairro Cruzeiro, a Praça do Cruzeiro é um bem inventariado

(código EAU 86 do ano de 2007), construído em 12 de novembro de 1988. Segundo entrevista realizada com senhora Maria José Drumond, 80 anos, conhecida como Dona Zezé, sua origem deu-se a partir de um loteamento realizado pelo então prefeito da época João Braz Martins Perdigão no bairro e o espaço da praça simplesmente foi a sobra. Como a Igreja Católica era predominante, houve a instalação de uma cruz da madeira no local. Porém, por ser uma área sem nenhuma manutenção, posteriormente, constatou-se a necessidade de iluminar o local opaco. A partir de então, modificações foram realizadas gradualmente ao longo dos anos até o atual estado da Praça que hoje é um dos símbolos municipais e é avistada de todos os lados, uma vez que encontra-se no ponto mais alto da cidade.

Atualmente, a área é utilizada para atividades esportivas particulares às segundas e sextas-feiras no período noturno, é o cenário de atividades religiosas e culturais, como a encenação artística da Morte e ressurreição de Jesus Cristo durante a semana santa. No decorrer da semana ela é um ponto de passagem e aos finais de semana torna-se um local onde algumas pessoas vão para admirar a paisagem, fotografar e espairecer.

Na praça, existe um mirante, acessado por rampas, onde está situada a cruz, sendo o seu ponto principal. De lá, é possível visualizar quase toda a cidade, além de alguns pontos turísticos como a Pedra da Baleia, Pedra do Cachorro e a Rama de Vôo Livre.

Imagem 4: Processo de Modificação da Praça do Cruzeiro



Fonte: Site da Fundação Monique Leclercq (2014) ou www.moniqueleclercq.org.br

Após todas as modificações realizadas na Praça do Cruzeiro, em seu estado mais atual, o mirante está pintado de verde e com algumas patologias, como mofos e rachaduras. Sua paginação conformada por piso intertravado com formato irregular é composta por 4 canteiros com grama, com a jardinagem pouco trabalhada.

Imagem 5: Vista da Praça do Cruzeiro e seu Mirante



Fonte: Facebook da Prefeitura (2020) ou www.facebook.com/PrefeituradeSaoDomingosdoPrata

Embaixo desse mirante, há um espaço circunferencial vago, que atualmente encontra-se fechado e sem utilização. Nele, existem espaços destinados às instalações sanitárias e depósitos. Durante o período de reforma, populares afirmaram que o local seria destinado a um restaurante, mas a execução nunca foi concluída.

Imagem 6: Processo de Reforma do Interior da Parte Inferior do Mirante.



Fonte: Facebook da Prefeitura (2020) ou www.facebook.com/PrefeituradeSaoDomingosdoPrata

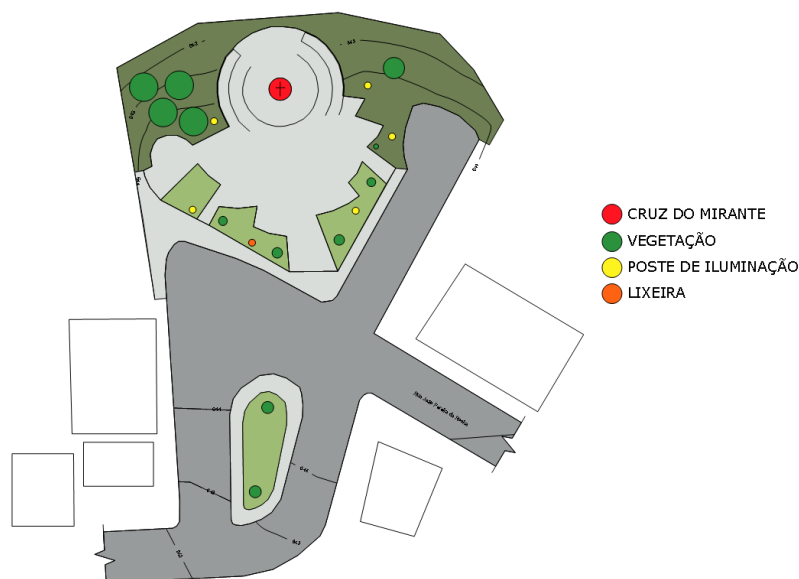
A Praça do Cruzeiro, é um ponto que reflete negativamente a teoria de local urbano subutilizado, originada de uma área excedente de loteamento, requer um bom planejamento, já que sua atual situação corresponde a uma região oportuna ao tráfico de drogas e furtos. Portanto, “Há males sociais profundos e complexos por trás da delinquência e criminalidade, tanto nos subúrbios e nas cidades de pequeno porte quanto nas metrópoles” (JACOBS, 1961, p.31). Um dos motivos principais para a ocorrência dessas atividades, estão relacionadas ao fato da iluminação escassa, que ocasiona a falta de segurança devido a sua frequência por pessoas de índole duvidosa, e conseqüentemente, resulta na inabitação do local pelo restante da população.

Imagem 7: Vista Noturna da Praça do Cruzeiro



Fonte: Paloma Domingues (2021)

Imagem 8: Identificação dos Equipamentos Urbanos da Praça do Cruzeiro



Fonte: Elaborado por Paloma Domingues

Devido ao momento pandêmico enfrentado em todo o mundo e com objetivo de maior alcance possível de participantes, no dia 29 de maio do ano corrente, foi realizada através de enquetes no Instagram, uma pesquisa que, apesar do caráter não científico aponta dados preliminares para identificação de usos, problemas e eventuais soluções descritos pela população. Assim, a pesquisa realizada durante o período de 24 horas, teve alcance total a 216 pessoas, onde 176 disseram que são ou foram moradores da cidade de São Domingos do Prata. Na tabela abaixo, o número em negrito, indica a quantidade de pessoas que escolheram a respectiva alternativa.

Tabela 1: Resultado da Enquete Realizada em Rede Social

PERGUNTA	Alternativa 1	Alternativa 2	Alternativa 3	Alternativa 4
Conhece a Praça do Cruzeiro?	Nunca foi: 25	Já foi (de 1 a 5 vezes): 85	Vai às vezes (de 5 a 10 vezes): 44	Sempre frequenta ou passa por lá: 58
Qual atividade costuma realizar na Praça?	Nada, vai para relaxar/descansar: 44	Admirar a vista: 122	Exercitar o corpo: 3	Outro: 12
O que acha da vista da Praça?	Normal: 10	Legal: 30	Cartão postal: 76	Maravilhosa: 76
Acredita que a Praça tem potencial, mas possui pouca infraestrutura?	Sim: 177	Não: 4	-	-
Acha o local seguro?	Sim, em todos os períodos: 11	Não, é perigoso: 59	Só durante o dia: 99	Só durante a noite: 3

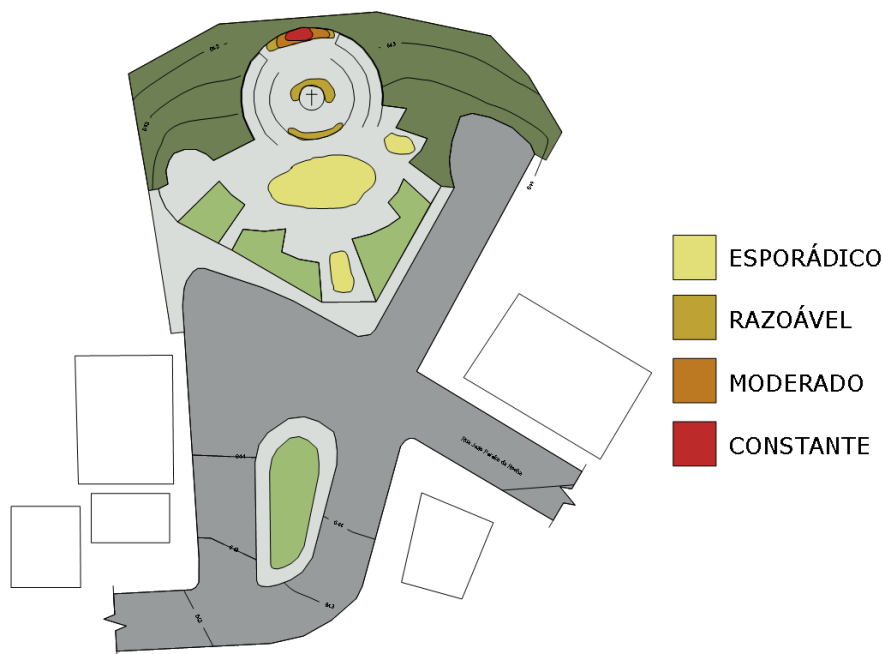
Fonte: Paloma Domingues, 30 de maio de 2021.

Apesar de nem todas as pessoas responderem o questionário até o final, há a

predominância de que a Praça do Cruzeiro é um local acessível à grande maioria e que a frequenta para descansar e admirar a vista panorâmica. Ademais, observa-se que na opinião dos participantes voluntários, a Praça não oferece boa infraestrutura e é seguro apenas durante o dia. As possibilidades mais sugeridas para melhoria da praça, estão: mobiliários urbanos (bancos, academia ao ar livre e playground), guarda ou vigia, principalmente durante a noite para tornar o local mais seguro; iluminação adequada, paisagismo bem elaborado, praça de alimentação, banheiros, câmeras de segurança, respectivamente. Além disso, outra sugestão foi a implementação de eventos e atividades culturais de pequeno porte.

Após análises do local em diversos horários do dia, durante a semana e no final de semana, foi verificado os lugares mais frequentados da Praça, sendo o ponto do mirante, onde se é possível contemplar a paisagem urbana e natural o local mais frequentado e de maior permanência, durando cerca de 23 minutos.

Imagem 9: Identificação dos Pontos de Maior Permanência da Praça do Cruzeiro



Fonte: Elaborado por Paloma Domingues

Para Jane Jacobs “A maioria das praças enquadra-se nessa categoria de uso geral como pátio público; [...] e o mesmo ocorre com boa parte das áreas verdes que se aproveitam de acidentes naturais, como margens de rios ou topos de morros.” (JACOBS, 1961, p.70). À vista disso, a Praça do Cruzeiro, situada no topo de uma

montanha, permite visibilidade à quase toda a cidade e a alguns pontos turísticos importantes.

Com base na caracterização da área e nos resultados das análises obtidos, serão apresentados a seguir, um breve referencial projetual que possa embasar na intervenção do local.

1. Obra análoga 1 - Praça da Estação Tenri – COFUFUN

Imagem 10: Vista Panorâmica da Praça da Estação Tenri, no Japão.

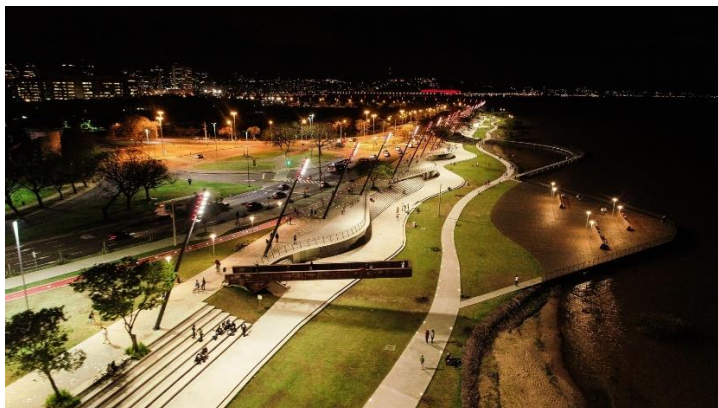


Fonte: ArchDaily Brasil ou www.archdaily.com.br/br/953751/praca-da-estacao-tenri-cofufun-nendo/593e730be58ecede79000122-tenri-station-plaza-cofufun-nendo-photo

Nesse projeto, há um palco para atividades performáticas para a realização de eventos públicos, playground para crianças, espaços arborizados e tratados, sala de estar com espaço para leitura, café e loja de souvenirs, onde os visitantes podem comprar lembranças da cidade. Para o escritório responsável Nendo, “Através desta diversidade programática, criamos um ambiente atraente e vibrante para os moradores da cidade, um espaço que incentiva as pessoas a ficarem e se divertirem ao invés de limitar ou desencorajar as pessoas a se conectarem.” (NENDO, 2020).

2. Obra análoga 2 - Parque Urbano da Orla do Guaíba

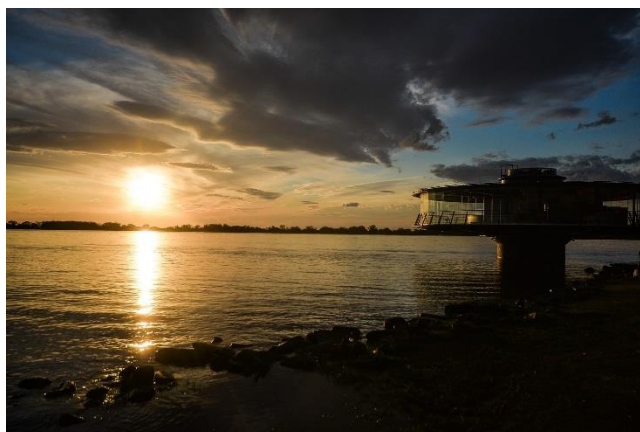
Imagem 11: Vista Panorâmica do Parque Urbano da Orla do Guaíba, em Porto Alegre/RS



Fonte: ArchDaily Brasil ou www.archdaily.com.br/br/907892/parque-urbano-da-orka-do-guaiba-jaimelerner-arquitetos-associados/5c17ec2108a5e5c8b90001b5-parque-urbano-da-orka-do-guaiba-jaimelerner-arquitetos-associados-foto?next_project=no

Para a realização desse projeto, foi analisado problemas locais como a segurança, abandono e a degradação da área que foram revertidos em um espaço para a conexão de pessoas a cultura, a história e ao esporte, além de tornar-se um local de contemplação da beleza natural existente na orla, tendo como característica fundamental, a apreciação do pôr-do-sol. O espaço é equipado com bares, cafés, áreas esportivas, sanitários, entre outros; trabalhados com concreto, vidro, madeira e aço dispostos de formas curvas, referenciando-se ao movimento das águas.

Imagem 12: Vista em Perspectiva da Paisagem Natural do Parque Urbano da Orla do Guaíba, em Porto Alegre/RS



Fonte: ArchDaily Brasil ou www.archdaily.com.br/br/907892/parque-urbano-da-orka-do-guaiba-jaimelerner-arquitetos-associados/5c17efa708a5e516a3000361-parque-urbano-da-orka-do-guaiba-jaimelerner-arquitetos-associados-foto

6. Conclusão

Ao longo desse trabalho, discutiu-se a importância do espaço urbano público para as cidades e para as relações sociais. À vista disso, a praça pode ser considerada não somente um espaço de lazer, mas também, um local favorável a elevar a qualidade de vida da população e a prevenção de doenças.

A Praça do Cruzeiro possui um grande potencial, não valorizado, como a localização em um ponto com destaque na paisagem, infraestrutura básica existente, e pessoas que se interessam pelo local, acreditam na sua capacidade de tornar-se um espaço mais interessante. Porém, alguns problemas como a marginalidade e falta de segurança, impedem que a área seja um ponto atrativo e bem frequentado.

Para solucionar os déficits encontrados, uma alternativa é através de investimentos em Políticas Públicas governamentais, visando um maior cuidado com o espaço a ser estudado, para que o mesmo não continue obsoleto. Faz-se necessário o aproveitamento adequado da área da Praça do Cruzeiro, por meio de arborização, mobiliários que enalteçam a paisagem natural, além de um projeto de iluminação apropriado, impactando em melhor qualidade de vida aos moradores e pedestres que frequentam-na. Com base nisso, a requalificação através da remodelação do local, implementando novos mobiliários urbanos, vegetação e iluminação, convidarão as pessoas a reabitarem o espaço e torná-lo mais seguro e atraente.

Dessa maneira, acredita-se que mudanças pontuais na Praça do Cruzeiro, permitirão um melhor aproveitamento do espaço através da realização de diversas atividades, esportivas, culturais e sociais. Que, além de fornecer utilidade ao espaço, com segurança e apelo estético, os ambientes incentivarão a prática de atividades diversificadas, estimulando a prática de esportes, que além de saudável, promove a inclusão e socialização.

Agradecimentos

Agradeço às gentis contribuições históricas da senhora Maria José Drumond que me recebeu em sua residência mesmo com toda a situação pandêmica atual. À Mariluci, funcionária da Casa de Cultura, por me disponibilizar o inventário da Praça do Cruzeiro. À Matheus Ávila, engenheiro civil da Prefeitura Municipal de São Domingos do Prata, pela prestatividade em fornecer os documentos em formato dwg referentes à Praça, como levantamento, fachadas, cortes, etc. Ao meu orientador, Tiago Cunha, e demais

docentes e participantes da enquete pela transmissão de conhecimento e contribuição para o resultado final deste artigo.

Referências

BARANYI, Lucas. **Menos estresse e mais memória; 7 benefícios do contato com a natureza.** Colaboração para UOL VivaBem. 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2018/09/15/beneficios-do-contato-com-a-natureza-veja-como-inclui-los-no-dia-a-dia.htm?next=0001H216U44N>. Acesso em 10 de abril de 2021.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1993. 728 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

CASTRO, Fernanda. **"Praça da Estação Tenri CoFuFun / nendo" [Tenri Station Plaza CoFuFun / nendo].** 25 de dezembro de 2020. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/953751/praca-da-estacao-tenri-cofufun-nendo>. Acesso em 21 de junho de 2021.

CORRÊA, Roberto. **O espaço Urbano.** São Paulo: Editora Ática, 1989. 23 p.

COULANGES, Fustel. **A cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma.** Tradução José Camargo Leite e Eduardo Fonseca. São Paulo: Editora Hemus, 1975. 310 p.

DALL'IGNA ECKER, Vivian. **O conceito de praça e a qualidade da paisagem urbana.** Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 5, n. 1, p. 101-110, 2020.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Rio de Janeiro: UNIC, 2009 [1948].

DENARDIN, Vanessa, et al. **Praças urbanas como espaços para o turismo e lazer, Um estudo preliminar na Praça General Osório na Cidade de Santa Maria/ RS.** 12 de novembro de 2011. 12 p. Mestrado – Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul, 2011.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** Tradução Marcília De Sousa Silva. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. 336 p.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas.** Tradução Anita Di Marco. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015. 262 p.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Censo demográfico do Brasil de 2010. São Domingos do Prata, 2010.

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. **IBGE: Brasil tem quase 52 milhões de pessoas na pobreza e 13 milhões na extrema pobreza.** 18 de novembro de 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/604783-ibge-brasil-tem-quase-52-milhoes-de-pessoas-na-pobreza-e-13-milhoes-na-extrema-pobreza/> Acesso em 27 de maio de 2021.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** Tradução Maria Estela Heider Cavalheiro. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001. 269 p.

MARX, Murilo. **Cidade Brasileira.** 1 ed. São Paulo: Editora EDUSP, 1980. 151 p.

MATOS, Fátima. **Espaços públicos e qualidade de vida nas cidades - O caso da cidade Porto.** Observatorium: Revista Eletrônica de Geografia, v.2, n.4, p.17-33, 2010.

PENA, Rodolfo F. Alves. **O que é Espaço Urbano?** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-espaco-urbano.htm>. Acesso em 10 de abril de 2021.

PINTO, Renata Inês. **A praça na história da cidade: o caso da Praça Sé – Suas duas faces durante (1933/1999).** 6 de novembro de 2003. 219 p. Mestrado – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2003.

ROBBA, Fabio. MACEDO, Silvio Soares. **Praças brasileiras, Public Squares in Brazil.** 2 ed. São Paulo: Editora EDUSP, 2003. 310 p.

SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo.** Tradução Marisa Barda e Pedro M. R. Sales. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006. 216 p.

SILVA, Thaís Ferreira. **Proposta de Requalificação da Praça Jornalista Carlos Alberto Bottini.** São Paulo, 2017. 102 p. Disponível em: https://issuu.com/senacbau2013_2017/docs/tcc_thais_ferreira_da_silva. Acesso em 10 de abril de 2021.

VADA, Pedro. **Parque Urbano da Orla do Guaíba / Jaime Lerner Arquitetos Associados.** 19 de março de 2021. ArchDaily Brasil. Disponível em: www.archdaily.com.br/br/907892/parque-urbano-da-orla-do-guaiba-jaime-lerner-arquitetos-associados. Acesso em 22 de junho de 2021.

VAZ, Nelson. **La place publique comme espace de communication - La place publique centrale de Florianópolis au Brésil et la place parisienne.** Editora: Univ Européenne, 2010. 204 p.